

CRISE INTERNACIONAL / Cúpula entre americano e líder russo, para tentar conter a escalada bélica, foi negociada pelo presidente francês, em dia e formato a serem definidos. Mas encontro só deve ocorrer se Moscou não deflagrar, antes, ataque à Ucrânia

Biden e Putin aceitam conversar, diz Macron

A Rússia e a Ucrânia pediram que os esforços diplomáticos para evitar a guerra sejam intensificados, mas trocaram acusações sobre a responsabilidade pela escalada das hostilidades na linha de frente que separa o território ucraniano de áreas controladas por rebeldes pró-Rússia.

Moscou e Kiev pediram mais diálogo depois que o presidente francês Emmanuel Macron teve uma longa conversa telefônica com Vladimir Putin e, logo depois, com o presidente ucraniano Volodimir Zelensky.

Em seguida, o dirigente francês ligou para o presidente americano, Joe Biden. Mais tarde, anunciou que tanto Biden quanto Putin concordaram em realizar uma cúpula para discutir a crise, em data e formato ainda a serem definidos. Segundo Macron, o encontro só não acontecerá se a Rússia deflagrar, antes, um ataque ao país vizinho. A presidência francesa descreveu as negociações de ontem como um dos “últimos esforços possíveis e necessários para evitar um grande conflito na Ucrânia”.

Países ocidentais liderados pelos Estados Unidos acusam a Rússia de mobilizar mais de 150 mil soldados na fronteira da Ucrânia para lançar um ataque. Washington reitera frequentemente que a invasão pode ocorrer “a qualquer momento”. A presidência francesa descreveu as negociações de ontem como um dos “últimos esforços possíveis e necessários para evitar um grande conflito na Ucrânia”.

Essas trocas ocorrem em meio

a crescentes hostilidades no Leste da Ucrânia, onde separatistas pró-Rússia que se revoltaram contra Kiev estão travando um conflito que já matou mais de 14 mil pessoas desde 2014.

Antony Blinken, secretário de Estado norte-americano, respondeu que o presidente dos EUA, Joe Biden, está disposto a “encontrar” Putin, “a qualquer momento, em qualquer formato, se isso ajudar a evitar uma guerra”.

Durante a conversa com Macron, que durou 1 hora e 45 minutos, Putin culpou as “provocações” do governo ucraniano pela escalada dos combates com separatistas no Leste daquele país, informou o Kremlin.

O presidente russo também disse que as entregas ocidentais de armas e munições modernas para as forças ucranianas estão “empurrando Kiev para uma solução militar” em seu conflito com os separatistas pró-russos, que começou em 2014.

Putin pediu à Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) e aos Estados

Unidos que “levem a sério” as exigências de segurança da Rússia, como a retirada de sua infraestrutura militar do Leste Europeu e um veto à entrada da Ucrânia na aliança.

Por fim, a presidência russa informou que ambos os líderes “concordaram que é conveniente intensificar a busca de soluções pelos canais diplomáticos”.

O Palácio do Eliseu informou que os dois líderes concordaram com “a necessidade de dar prioridade a uma solução diplomática para a crise atual e em fazer todo

(Os países ocidentais) não podem oferecer indefinidamente um ramo de oliveira, enquanto a Rússia promove testes de mísseis e acumula tropas”

Charles Michel, pres. do Conselho Europeu



Vladimir Putin (E) e Volodimir Zelensky, presidentes da Rússia e da Ucrânia, vão conversar sobre a crise entre os dois países

o possível para alcançá-la”.

Após a ligação para Macron, Zelensky pediu um cessar-fogo “imediato” e convocou uma reunião urgente do Grupo de Contato Trilateral, que inclui Ucrânia, Rússia e a Organização para Segurança e Cooperação na Europa (OSCE).

A OSCE marcou a reunião de emergência para hoje. Esses contatos diplomáticos ocorrem depois que os temores de que o conflito poderia escalar dominaram a primeira parte do dia.

Pouco antes da ligação entre

Macron e Putin, Belarus anunciou que prosseguem os exercícios militares conjuntos com a Rússia em seu território, perto da fronteira com a Ucrânia.

A permanência das tropas russas em território bielorrusso no momento em que estavam programadas para retornar ao seu país alimentou temores nos países ocidentais de que a Rússia invadiria a Ucrânia, e foi criticada pela oposição em Minsk.

Moscou havia anunciado que suas tropas se retirariam ontem

de Belarus, após uma série de exercícios militares.

Artilharia no front

Explosões de artilharia foram ouvidas na linha de frente que separa as forças de Kiev das tropas separatistas, na noite de sábado.

Em sintonia com o tom dos Estados Unidos e da Otan, o primeiro-ministro britânico, Boris Johnson, afirmou que a Rússia prepara o que poderá constituir “a maior guerra na Europa desde 1945”.

Ele também alertou que a invasão não atacaria apenas a Ucrânia a partir do Leste, mas também do Norte, de Belarus, para “cercar Kiev”, disse em entrevista à TV pública inglesa BBC.

Enquanto isso, o presidente do Conselho Europeu, o belga Charles Michel, indicou ontem que os países ocidentais não podem “oferecer indefinidamente um ramo de oliveira enquanto a Rússia realiza testes de mísseis e continua a acumular tropas” na fronteira ucraniana.

COVID-19

Rainha da Inglaterra testa positivo

OUI SCARFF / POOL / AFP



Vacinada com três doses, Elizabeth II apresenta sintomas leves

A rainha Elizabeth II, de 95 anos, testou positivo para a covid-19, mas apresenta apenas sintomas “leves” comparáveis aos de um resfriado, anunciou ontem o Palácio de Buckingham. A soberana, que recentemente esteve em contato com seu filho mais velho, o príncipe Charles, dois dias antes de ele testar positivo para o coronavírus, se dedicará apenas a “tarefas leves” ao longo desta semana.

O gabinete da rainha mantém discrição sobre sua saúde, mas informou que a monarca está totalmente vacinada contra a covid-19.

A notícia chega em um momento difícil para a coroa, depois que o príncipe Andrew, o segundo filho da rainha, resolveu um processo civil por agressão sexual, concordando em pagar quase US\$ 16,3 milhões, segundo a mídia, levantando dúvidas sobre se a monarca ajudou a pagar essa quantia.

Enquanto isso, a polícia de Londres disse que está investigando se um milionário saudita recebeu honras em troca de uma doação para a fundação dirigida pelo príncipe Charles.

O primeiro-ministro Boris Johnson, que, na primavera de 2020, passou vários dias em uma unidade de terapia intensiva

devido à covid-19, desejou à rainha uma “rápida recuperação e um rápido retorno à saúde radiante”. O líder da oposição trabalhista, Keir Starmer, também desejou, pelo Twitter, uma rápida recuperação da rainha: “Fique bem logo, senhora”.

A rainha Elizabeth comemorou 70 anos de reinado em 6 de fevereiro, uma longevidade sem precedentes para a monarquia britânica. Mas é tradicional que

a data seja comemorada no final da primavera, pelo clima mais ameno. Por isso, as celebrações do “jubileu” de platina da soberana ocorrerão em maio.

Desde seus problemas de saúde em outubro, suas aparições se tornaram raras, mas o palácio anunciou recentemente a retomada de suas atividades públicas: antes de uma cerimônia, em 29 de março, na Abadia de Westminster, em memória do

príncipe Philip, seu falecido marido, a rainha deve participar de uma recepção diplomática em Windsor em 2 de março e uma cerimônia da Commonwealth em 14 de março.

Austrália reabre

A Austrália reabriu ontem as fronteiras internacionais para turistas vacinados, quase dois anos depois de a pandemia impor ao país algumas das restrições de viagens mais rígidas do mundo.

“Arrumem suas malas”, disse o primeiro-ministro, Scott Morrison, em entrevista coletiva, acrescentando: “Não se esqueçam de trazer dinheiro, porque vocês encontrarão muitos lugares para gastá-lo”.

Espera-se que 56 voos internacionais cheguem à Austrália nas primeiras 24 horas após a reabertura, um volume bem abaixo dos níveis pré-pandemia.

A Austrália fechou suas fronteiras para quase todos, exceto seus cidadãos e estrangeiros residentes, desde março de 2020, na tentativa de impedir o aumento do número de infecções por covid-19. A proibição de viajar também afetou os australianos, que só podiam sair do país com justa causa.

Morre codescobridor do RNA mensageiro

ERIC CABANIS



O biólogo François Gros, que participou com outros cientistas da descoberta do RNA mensageiro, morreu na sexta-feira, aos 95 anos, informou ontem a Academia Francesa de Ciências. Como codescobridor do RNA mensageiro, o intermediário molecular do código genético do DNA, sua contribuição para a decodificação do gene foi crucial. Seu trabalho abriu caminho, quase 60 anos depois, para o uso dessa tecnologia nas principais vacinas utilizadas contra a covid-19, como as desenvolvidas pelos laboratórios Pfizer (em uso no Brasil) e Moderna.